

ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO “HISTÓRIAS DA SEXUALIDADE” NO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP)

Francisco Airton da Silva Júnior
Francisca Rosália Silva Menezes

RESUMO

O Presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise de dois núcleos temáticos da exposição “Histórias da sexualidade” que aconteceu no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), entre outubro de 2017 a fevereiro de 2018. A exposição dispunha de mais de 300 obras distribuídas em nove núcleos temáticos. Pretende-se aqui realizar uma análise de quatro obras pensadas a partir de dois núcleos da exposição: Performatividade de gênero e Religiosidade. No que concerne à metodologia optou-se por uma pesquisa bibliográfica ancorada por uma abordagem qualitativa com base em documentos virtuais e com apoio em material visual e audiovisual disponíveis no e site oficial do MASP e em sites livres da internet. Como resultado, identificou-se que as duas exposições *Queermuseu* e *Histórias da sexualidade* representam um avanço na descolonização dos modelos canônicos e na tentativa de inclusão de outras histórias da arte, proporcionando um fundamental aprendizado de que a arte é uma componente que sinaliza os estados críticos de uma sociedade.

PALAVRAS CHAVES:

Museu. Exposição. Sexualidade. Religiosidade.

ABSTRACT

The present work aims to carry out an analysis of two thematic centers of the exhibition “Stories of sexuality” that took place at the São Paulo Assis Chateaubriand Museum of Art (MASP), between October 2017 and February 2018. The exhibition had more than 300 works distributed across nine thematic groups. The aim here is to carry out an analysis of four works based on two sections of the exhibition: Gender Performativity and Religiosity. Regarding the methodology, we opted for bibliographical research anchored by a qualitative approach based on virtual documents and supported by visual and audiovisual material available on the official MASP website and on free internet sites. As a result, it was identified that the two exhibitions *Queermuseu* and *Histories of sexuality* represent an advance in the decolonization of canonical models and in the attempt to include other art histories, providing a fundamental learning that art is a component that signals critical states of a society.

KEYWORDS:

Museum. Exhibition. Sexuality. Religiosity.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo é resultado de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado interdisciplinar em Humanidades (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O objetivo da pesquisa é realizar uma análise de dois núcleos temáticos da exposição “*Histórias da sexualidade*”, que aconteceu no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), entre outubro de 2017 a fevereiro de 2018 e contou com a curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico do MASP, Camila Bechelany, curadora assistente do MASP, Lilia Schwarcz como curadora-adjunta de Histórias do MASP. Um dos conceitos assumidos pela curadoria da exposição é o de historicidade múltipla que questiona os motivos e categorias tradicionais que são convencionados pelos cânones (caracteriza aquilo que está de acordo com normas estabelecidas) da história da arte europeia. Um outro ponto que podemos mencionar aqui é que “Histórias da sexualidade” é uma continuação de “Histórias da infância”, este segundo ocorreu entre abril e julho de 2016, sendo uma tentativa do museu em aproximar a cultura das pessoas comuns e de classe social mais baixa. Com isso, as obras de “Histórias da infância” (2016) retratavam com mais fidelidade o dia a dia de boa parcela de nossa sociedade.

A exposição ganhou especial destaque na sociedade brasileira, promovendo intensos debates na mídia e grande repercussão nas redes sociais. É importante mencionar que houve um acontecimento polêmico que antecede a exposição “*Histórias da sexualidade*” e que envolve uma outra exposição intitulada “*Queermuseu – Cartografia da diferença na arte brasileira*”, ocorrida entre agosto e setembro de 2017, realizada no Santander Cultural, no Rio Grande do Sul. Esta última teve um recorde de visitas, mas sofreu um assíduo boicote de setores políticos e religiosos de extrema direita e foi encerrada muito antes da data prevista por imposição do setor responsável do Santander Cultural devido o forte clima de intolerância que alimentava ódios e desavenças nas redes sociais. Foi sob esse clima, que misturava religiosidade e posturas de extrema direita, que a exposição “*Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira*” foi cancelada, pois houve uma onda de protestos alegando e exigindo o fechamento da exposição, pois apontavam que as obras suscitavam blasfêmia contra símbolos religiosos e algumas obras realizavam uma apologia a pedofilia e zoofilia.

Deste modo, salientamos que a investigação deste trabalho tem como foco a exposição do MASP “*Histórias da sexualidade*”, mas sem perder de vista o contexto político do Brasil em 2017, o qual ainda refletia os impactos ocasionados pelo impeachment da presidente da República Dilma Rousseff em agosto de 2016 e o crescimento de autoritarismos de setores tradicionais da sociedade brasileira e de grupos de extrema direita.

O impeachment deixou vestígios de um clima de intolerância e desrespeito as chamadas minorias sociais: mulheres, pessoas negras e população LGBTQIA+.

Quanto a exposição “*Histórias da sexualidade*”, grupos da bancada evangélica e MBL (Movimento Brasil livre) ganhava mais espaço e repercussão tanto nos meios de comunicação, como TV, rádio e principalmente na internet. Importante destacar que o então deputado federal (PSL), e agora ex-presidente da República Jair Bolsonaro, encabeçava a representação da ideologia conservadora e cristã de certa parcela da população brasileira.

Destaca-se aqui o site *Observatório de censura à arte*, de onde apresentamos as imagens das obras que foram censuradas, canceladas ou impedidas de serem apresentadas. O site *Observatório de Censura à Arte*, realiza um acompanhamento diário de todas as tentativas, bem-sucedidas ou não, de censura aos artistas brasileiros. Toda essa polêmica, censura e opressão aumentou significativamente após a posse (como presidente da República) de Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019, que tentou impedir o financiamento público de obras que tratam de temas da diversidade sexual e de gênero.

Neste sentido, ressaltamos que as análises realizadas aqui foram respaldadas à luz de pesquisadores, teóricos, artistas e sociólogos que discutem, em seus trabalhos, o tema gênero e sexualidade e religiosidades, sendo eles: Judith Butler (1990; 2003; 2011), Simone de Beauvoir (1967), Piscitelli (2002), Colling (2019; 2021), Michel Foucault (1998) e Émile Durkheim (1989).

Diante do exposto, se torna importante mencionar que o objetivo geral dessa pesquisa é: demonstrar o conservadorismo religioso e político como forma de opressão de gênero e sexualidade em obras de arte do Masp. Da qual será feito a partir de: a) revisar os conceitos teóricos que abordem sobre a temática artística cultural, gênero e sexualidade e em como os aspectos religiosos e políticos podem influenciar negativamente em exposições de obras artísticas; E b) analisar quatro obras de artes da amostra do MASP por meio dos conceitos teóricos críticos sobre a performatividade de gênero, religiosidade e obras artísticas culturais.

Para tanto, nossa metodologia se configura como análises de caráter qualitativa-descritiva, visto que é um método de análise apropriado para se buscar o entendimento de fenômenos de natureza social e cultural, da qual as descrições e interpretações implementam resultados a partir de um determinado tema e sua relevância. (FONTELLES, 2009).

Assim, essa pesquisa está dividida em quatro passos, sendo o primeiro a revisão da literatura e o contexto sócio-histórico. O segundo passo é a apresentação do corpus selecionado, sendo a análise de quatro obras que tratam sobre os temas mencionados. O terceiro passo é a repercussão na mídia, e, por fim, como quarto e último passo, as nossas considerações finais.

2 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

No que incide no tema performatividade de gênero, optou-se por trazer neste trabalho a voz da escritora e filósofa Judith Butler, da qual é uma renomada pesquisadora que se debruça nos estudos que se tratam sobre sexualidade, tendo em vista que já escreveu livros que abordam sobre essa temática, mas que utilizaremos duas obras em específico, sendo elas *Problemas de gênero* (1990; 2003) e *Atos performativos e constituição de gênero* (2011). Butler retrata a grande dificuldade de uma parcela da sociedade em diferenciar “identidade de gênero” e “orientação sexual”. Na primeira classificação, temos cisgênero, transgênero ou não binário. Já na segunda, temos a “orientação sexual”, que se refere a atração sexual que uma pessoa vai sentir por outra, podendo ser heterossexual, homossexual, bissexual, assexual ou pansexual.

Segundo Butler (1990), podemos compreender que Gênero pode ser classificado como tudo aquilo que segue o discurso padrão (heteronormativo) aceito pela sociedade, isto é, *homem x mulher, pênis x vagina, cor rosa x cor azul*, assim refletindo uma manutenção e repetição dos mesmos comportamentos socialmente estabelecidos dentro de uma sociedade heteronormativa e patriarcal. De acordo com Piscitelli (2002), na obra *Gênero: a história de um conceito*, a autora (2002) corrobora com Butler no que se concerne a classificação de gênero, da qual a antropóloga (2002), aponta que a repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, acabam por sistematizar uma manutenção que reforça na construção dos corpos masculinos e femininos, seus comportamentos, valores morais e condutas que cada um deve seguir, tais como vemos atualmente (PISCITELLI, 2002).

No que se concerne a *Performatividade de Gênero*, de acordo com os postulados de Judith Butler (1990), pode-se compreender como toda a construção diária e socio-histórica sobre os corpos femininos e masculinos desde a infância, passando pela adolescência, vida adulta e finalizando na velhice. Essa construção socio-histórica-cultural é sustentada e mantida por vários fatores internos, externos, diretos e indiretos da sociedade, da qual podemos exemplificar a partir da *performance* esperada para uma criança do sexo masculino e a *performance* esperada para uma criança do sexo feminino.

Performances estas que tem suas bases fortalecidas e enraizadas dentro de um ideologia patriarcal e heteronormativa que performatiza os comportamentos socialmente esperados e aceitos para homens e mulheres. Neste sentido, é uma construção ideológica socio-histórica que aponta que homens devem ser fortes, não podem demonstrar sentimentos e que, quando crianças, devem brincar com carros como exercício de

aquisição de bens materiais e poder. O que, para as mulheres, é exigido, desde a tenra infância, que devem ser sensíveis, emocionais e cujos brinquedos se voltem para o cuidado da casa e dos filhos. Eis a *performatividade de gênero*: as pessoas (homens e mulheres) aprendem a se comportar de determinadas maneiras para se encaixarem no que é esperado pela sociedade de acordo com o seu gênero, o que significa que a sociedade determina como cada gênero deve performar para atingir as expectativas sociais, mas que essa performance não é uma verdadeira expressão da *identidade de gênero* de uma pessoa (BUTLER, 1990).

Portanto, um menino que gosta de brincar de boneca (brinquedo direcionado para as meninas) ou uma criança do sexo feminino que gosta de jogar futebol (esporte esse considerado do sexo masculino), faz com que haja uma mudança de performance por essas pessoas, sendo uma performance não esperada, mas que *pode* representar a identidade de gênero desse menino e dessa menina.

Para nos aprofundar melhor no assunto, trouxemos aqui a escritora e filósofa Simone de Beauvoir (1967, p. 09) que defende que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, tendo em vista que são as tradições e valores historicamente consolidados no seio da sociedade que determinam quais são os papéis dos atores sociais. E, pelo fato de os homens estarem socio historicamente nos mais diferentes espaços de poder e prestígio, isso faz com que a sociedade perpetue a ideologia patriarcal e machista construída por eles, assim “qualificando o feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 09) a partir de seus interesses. Nesta perspectiva, é importante ressaltar que desde crianças os atores sociais aprendem que meninos e meninas devem possuir funções e capacidades diferentes, desde atividades simples como: menino não pode brincar de bonecas e meninas devem cuidar da casa e saber cumprir tarefas domésticas, tarefas estas que não são atribuídas aos homens. Assim estabelecendo performances esperadas para cada gênero social.

Já Leandro Colling, professor de Pós-graduação em Cultura e Sociedade e de Pós-Graduação em Estudos interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia (UFB) e pesquisador da área de relações entre sexualidade, gênero e cultura, traz duas importantes contribuições sendo a primeira uma análise publicada na revista cultural Vazantes (2019), sobre a exposição *Queermuseu – cartografia da diferença na arte brasileira e Histórias da sexualidade*. Colling (2019, p. 96) fala que de “certa forma o público é provocado quando se depara com uma obra com uma mulher com pênis”. O que em sua segunda contribuição no livro *a vontade de expor: arte, gênero e sexualidade*, Colling (2021, p. 20) aponta:

Os primeiros grandes museus do ocidente sempre possuíram algumas obras de pintores, hegemonicamente homens, que contém cenas de nudismo ou que sugerem tratar diretamente de diversos tipos de práticas sexuais, como foi o caso do museu do Prado, de Madri. Não é novidade que há vontade dos museus de expor esses temas, fora deles também cresceu exponencialmente nas últimas décadas a visibilidade de diversas práticas e orientações sexuais e identidade de gênero, uma boa medida impulsionada pelas lutas de movimentos feministas. (COLLING, 2021, p. 20)

Ainda segundo Colling (2021), em suas publicações sobre o assunto, ele concorda que as principais críticas, da qual certa parcela da sociedade fazem sobre as obras, sendo elas: de pedofilia, zoofilia, profanação religiosa e entre outras formas pejorativas, são vistas como uma união temporária de movimentos conservadores e religiosos como consequência de um pensamento obsoleto e principalmente equivocado ou tensão que vai ao encontro de costumes, valores e tradições definidas naquela geração, alguns estereótipos também contribuem para os acontecimentos (aqui podemos exemplificar pessoas transgêneros, transexuais e travestis, como mencionado por Butler acima). Nesse sentido, ressalta-se que essa parcela da sociedade, que é vista como “união temporária de movimentos conservadores”, mencionada por Colling (2019, p. 25) não é algo novo. Em *“Histórias da sexualidade – I”* (1998), Foucault traz um movimento de repressão chamado a “polícia do sexo”, que seriam pessoas que fiscalizavam a vida sexual dos outros ou remetem sexo e prazer ao pecado, assim ficando nítido o elo forte entre sexualidade e religiosidade. O filósofo Michel Foucault (1998) comenta sobre essa repressão no livro supracitado:

A questão que gosto de colocar, não é por que somos reprimidos, mas por que dizemos com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos que somos reprimidos, deve-se falar do sexo e falar publicamente de uma maneira que seja ordenada, em função de lícito ou ilícito, o sexo não se julga, apenas administra-se. (FOUCAULT, 1998, p. 97).

O que mostra que Foucault já denunciava essa repressão contra a sexualidade por parte de ideologias conservadoras e religiosas. Assim, a partir de tudo que foi explanado, nosso estudo sobre a exposição *Historias da sexualidade* (2017-2018), se torna importante, tendo em vista que evidencia uma segunda amostra artística cultural que foi barrada/fechada por questões religiosas e políticas, mas também pelo debate gerado diante o comportamento da sociedade naquele momento sócio-histórico, o tabu sexual retratado por certos grupos que iniciaram com ameaças de boicote e supostas ligações a crimes cometidos por parte da

exposição.

3 AS EXPOSIÇÕES E OS CONTEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA QUAL ESTAVAM INSERIDAS

A exposição *Histórias da Sexualidade* debateu assuntos que envolvem arte, sexualidade, movimentos LGBTQIAP+ e feminismo, sofrendo diversas tentativas de boicote e silenciamento por grupos sociais da esfera política conservadora que defende ideologias moralistas que estão envoltas pela religiosidade que sócio-historicamente cercearam a liberdade dos corpos que fogem das convenções socialmente estabelecidas (heteronormatividade). Antes de seguirmos para análise de *História da sexualidade*, podemos trazer aqui uma imagem com grande representação de toda a polêmica inicial envolvendo a primeira exposição “Queermuseu – Cartografia da diferença na arte brasileira” (2017), realizada no Santander cultural (RS) e encerrada pela instituição por pressão de grupos conservadores, como mencionado no início de nosso trabalho.

Figura I - “Criança Viada” - Exposição *Queermuseu*.



“Criança Viada” de Bia Leite (2014). Obra apresentada no Santander Cultural (RS)

A obra acima é de autoria da artista brasileira Bia Leite (2014) e se configura como um recorte dentre várias peças artísticas que se interligam. Em entrevista, a artista Bia Leite (2014), relata que a ideia inicial para a criação da obra de arte citada, surgiu em um momento de descontração entre a artista e seus amigos, que para fins específicos desta análise, é importante ressaltar que são gays. Tendo em vista que, nessa conversa que tiveram, começaram a desenhar como eram na infância, como se sentiam, o que faziam nessa época de suas vidas (inocentemente), mas que posteriormente fez parte de seus processos de autodescoberta de suas sexualidades – entre alguns fatores, vestir roupas mais femininas, calçar os saltos altos de suas mães quando as mesmas não se encontravam e dentre outros aspectos. Nesse sentido, a obra buscou representar essa fase de inocência da artista e de seus

amigos e em como essa fase fez parte de suas construções identitárias, assim como o entendimento de suas sexualidades na fase da adolescência e fase adulta.

Butler, em sua obra *Problemas de gênero* (2003), defende a tese de que o gênero é performativo, significando que quando uma mulher está grávida e realiza uma ultrassonografia, querem saber o sexo da criança, se é “menino ou menina” e, a partir daquele momento, a criança começa passar pelo processo de construção performativa do gênero, pois as normas sociais construídas, a partir de uma perspectiva binária e heteronormativa, irão incidir diretamente no comportamento introjetado pela criança. As sentenças proferidas cotidianamente e a constante reprodução de etiquetas sobre modos de comportamentos masculino ou feminino reforçam o código heteronormativo hegemônico.

Para contribuir com o debate, apresentaremos aqui duas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) entre 2010 e 2020. mostram que os cristãos hoje representam 86% da população brasileira, sendo 64% católicos e 22,2% evangélicos. Entendendo a ideologia conservadora e tradicional cristã que o Movimento Brasil Livre (MBL) acredita e defende, este mesmo movimento político e conservador encarregou-se de acusar diretamente as exposições, especificamente no que se concerne a “Histórias da sexualidade”, difamando a exposição e a acusando de ter ligações com o crime de pedofilia, zoofilia e profanação religiosa. A bancada evangélica, composta por deputados e senadores, trabalharam diariamente para censurar a exposição. Ambos os grupos políticos conseguiram restringir a entrada de menores de 18 anos no MASP (essa informação até hoje está visível no site da instituição), podendo-se mencionar que além das críticas e boicotes na internet, grupos religiosos conservadores, que se identificavam com o setor da religiosidade, foram protestar contra a exposição defronte ao MASP.

Vale ressaltar também que nesses protestos, informações do Jornal O Globo (2017), noticiava que a escritora e filósofa Judith Butler, (famosa por seus estudos sobre questões de gênero, feminismo e teoria Queer), após sua visita à exposição “Histórias da sexualidade”, a pensadora foi agredida fisicamente no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Diante do exposto, é importante mencionar que a intenção aqui é demonstrar que o conservadorismo religioso e político acaba por gerar formas de opressão e censura da sexualidade a partir das manifestações artísticas.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa, de cunho qualitativo-descritivo, fará uma análise da exposição e seus contextos políticos, religiosos e midiáticos sobre “*Histórias da sexualidade*”, ocorrido no MASP, entre o final de 2017 e início de 2018. A exposição contava com pinturas, desenhos e esculturas baseadas em nove núcleos diferentes, porém, aqui vamos debater apenas sobre dois deles: *Performatividade de gênero e Religiosidade*.

Importante ressaltar que análises de caráter qualitativo-descritivo é um método de análise apropriado para se buscar o entendimento de fenômenos específicos com profundidade, sendo de natureza social e cultural, da qual as interpretações e descrições implementam resultados a partir de um determinado tema e sua relevância. (FONTELLES, 2009).

Deste modo, no primeiro momento, faremos uma análise em conjunto com sociólogos, escritores(as) e pesquisadores(as) que estudam sobre os temas mencionados, dando destaque a nomes renomados como Judith Butler (1990; 2003; 2011), Simone de Beauvoir (1967), Piscitelli (2002), Colling (2019; 2021), Michel Foucault (1998) e Émile Durkheim (1989). As quatro obras analisadas são: *Experiência número 3*, de Flávio de Carvalho (1953); *Magnólia no Espelho*, de Graciela Iturbide (1986); *gayen com folhas GU*, de Ayrson Heráclito (2015) e *são Sebastião na coluna*, de Pietro Perugino (1500). Além das histórias por traz das obras e suas representatividades diante da nossa atual sociedade. Também iremos debater como a mídia retratou os acontecimentos relacionados a exposição e a sua repercussão no Brasil, isto é, os movimentos positivos e as polêmicas geradas em torno da exposição *Histórias da Sexualidade*.

Assim, é importante salientar que as quatro obras que aqui serão analisadas foram selecionadas por dois motivos específicos: os aspectos que envolvem a performatividade de gênero e a religiosidade como fator de repressão, conservadorismo e tentativa de silenciamento a tudo que foge do que é heteronormativo.

4 ANÁLISE DAS OBRAS

A apresentação das obras foram realizadas em dois Núcleos Expositivos com intuito de debater questões sobre performatividade de gênero e religiosidade. Embora a amostra “*Histórias da sexualidade*” trabalhe com nove núcleos, iremos nos delimitar a dois núcleos, haja visto que esses são os temas centrais da nossa análise reflexiva.

4.1 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO – A DESCONSTRUÇÃO DE PADRÕES HETERONORMATIVOS

Figura 2 – *Experiência N.3*, de Flavio de Carvalho (1950).



Acesso em 27 de maio de 2023

A Figura principal da foto é Flávio de Carvalho, um dos principais nomes do movimento modernista. É importante ressaltar que Flávio sempre esteve a frente do seu tempo. A chamada *experiência número 3* foi realizada em algumas ruas no centro de São Paulo e ocorreu no ano de 1953, quando Flávio tinha 57 anos. Carvalho usava uma espécie de saia com pregas e uma blusa feminina listrada que igualmente foram confeccionadas pelo próprio artista.

Embora hoje tenhamos alcançado várias conquistas e garantido direitos através da luta dos movimentos LGBTQIAP+ e movimentos feministas, pessoas transexuais, travestis, não binários são exemplos de corpos livres principalmente na questão da vestimentas, hoje as vemos nas ruas, TV, músicas e filmes. Todavia, ainda sofrem preconceito e discriminação por alguns grupos sociais, e, naquela época, também não era diferente. O que significa que a performance realizada por Flávio, ao vestir roupas tidas como femininas, causou um verdadeiro choque cultural em grande parte da sociedade, onde olhares de reprovação, comentários e críticas negativas foram transferidas e tecidas à ele. À exemplo: “como pode um homem vestido de mulher?” ou “se está vestido assim, é por que gosta da coisa...” ou “isso é culpa dos pais que não corrigiram na infância!”. Não se sabe se nessa corrida que realizou nas ruas, ele tenha sofrido algum tipo de agressão física, como infelizmente ocorre atualmente.

A experimentação performativa exercida por Flávio de Carvalho pode ser pensada a partir da construção de um outro corpo, segundo a Filósofa Judith Butler:

(...) o corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazmo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores. (BUTLER, 2011, p. 72)

Deste modo, a performance realizada por Flávio de Carvalho foi transgressora para a época, tendo em vista que ele teatralizou e encenou uma performance totalmente contrária do que é (culturalmente e historicamente) estabelecida para o gênero masculino. De acordo com Butler (1990), o conceito de gênero (masculino e feminino) é uma construção social, onde as práticas entendidas como femininas ou masculinas, serão conhecidas como “performatividade” (BUTLER, 1990, p. 08).

A autora também aponta que a performatividade de gênero também funciona como mecanismo de reprodução da heteronormatividade, da qual sua manutenção ocorre por meio da exigência de uma linha que relaciona sexo-gênero-desejo e prática sexual. Deste modo, Butler afirma que a heteronormatividade tenta obrigar que, mesmo que não sejamos heterossexuais, ao menos que estejamos enquadrados na heteronormatividade, isto é, que as teatralizações, comportamentos e gestos – as performances – sejam compatíveis com o que é esperado por determinado gênero. O que Flávio de Carvalho procurou, com sua performance, desconstruir essa prática excludente que é a heteronormatividade, buscando representar a liberdade de seu corpo e o desejo de cada um ser o que desejar ser.

Figura 3 - *Magnolia com Espelho*, de Graciela Iturbide (1986)



Fonte: <https://twitter.com/maspmuseu/status/950414428796833792> acesso em: 27 de maio. 2023

A Fotografia acima (Figura 3) foi capturada na cidade de Juchitán de Zaragoza, no sul do novo México. Podemos começar a análise citando que a cidade supracitada contribui positivamente para o acontecimento da fotografia, isso porque neste lugar as mulheres são seres livres, tendo em vista que além de serem a grande maioria da população da localidade, elas também estão presentes em todas as áreas de comércio, atendimento ao público, manufatura, no campo e dentre outros espaços, o que simboliza que a cultura matriarcal é normalizada, diferentemente de outras cidade e estados próximos.

Magnólia é o retrato de um muxe, indivíduo que não se identifica nem com o gênero masculino nem com o feminino. A sociedade de Juchitán é frequentemente descrita como um matriarcado, em que as mulheres dominam a economia e são chefes de famílias. Ali, a homossexualidade e o terceiro gênero são amplamente aceitos.” (Catálogo “Histórias da sexualidade”, 2017)

Em entrevista concedida a Olaya Barr (2013), A fotógrafa e artista Graciela Iturbide discorda da ideia de que Juchitán seria uma utopia matriarcal, mas considera que as mulheres têm uma personalidade forte, e que existem algumas diferenças em relação a outros lugares: “A tradição de que os homossexuais, como Magnolia, são bem aceitos na sociedade, ajudam as mulheres no mercado e nas cantinas onde os homens não podem entrar” (BOTTON, 2017, p. 25).

Ainda em *Magnólia no espelho* (1986), também podemos evidenciar a performatividade de gênero aqui capturada. Magnolia é um indivíduo que caminha pelo universo masculino e feminino. Butler (1990), aponta que os conceitos de gêneros existentes são excludentes, e para isso se faz necessário desconstruí-los e (re)significá-los a tal modo que as identidades de gêneros possam ser acolhedoras numa perspectiva que caminhe em direção ao direito de cada um ser o que quiser. O que significa também que, gênero não é algo que somos, mas sim uma construção socio-histórica-cultural que se cristaliza através de práticas cotidianas que ritualizam mantendo a “sua legitimação” (BUTLER, 1990, p. 200). O que a obra *Magnólia no espelho* simboliza a quebra dessa construção heteronormativa, agindo em direção do que Butler (2011, p. 72) aponta que um corpo não é “uma materialidade idêntica a si própria ou meramente fáctida”, mas que deve ser uma materialização de possibilidades. Portanto, fica mais do que evidente que as duas primeiras fotografias, *Experiencia número 3 (1953)*, de Flávio de Carvalho e *Magnolia no espelho (2013)*, de Graciela Iturbide, caminham juntas – mesmo em épocas diferentes – quanto ao assunto *performatividade de gênero* e a quebra e desconstrução de padrões impostos e estabelecidos socio-historicamente.

4.2 RELIGIOSIDADES - O EROTISMO DO SAGRADO

Figura 4- *Gaye com folhas Gu*, de Ayrson Heráclito (2015)



Fonte: <https://twitter.com/maspmuseu/status/943574375663636480> acesso em: 27de Maio. 2023.

A fotografia (figura 4) *Gaye com folhas GU* (2015), do artista Ayrson Heráclito, aqui o artista performer quer que o próprio público faça uma leitura particular e tenham suas próprias interpretações sobre a imagem. Importante mencionar que todos os trabalhos de Heráclito, faz parte do *Núcleo Religiosidades*, no caso a imagem, tem relação com as religiões de matrizes africanas, como Umbanda e Candomblé. Segundo o catálogo de *Histórias da sexualidade*, a definição do corpo nu é uma representação do Orixá Osaain “senhor das folhas e flores”. O que de acordo com pai de santo Léo das Pedreiras, vice-presidente da “Aliança Umbandista do Brasil”, cujo templo de Umbanda está localizado em São Paulo. Segundo Léo das Pedreiras (2021), Osaain é o único que tem poderes sobre plantas, flores e folhas. As mesmas sempre utilizadas em virtude da saúde dos seres humanos. Pai Léo (2021) ainda ressalta que Osaain pode ser representado como um ser masculino ou feminino, dependendo da religião que o cultua. O que conversa com Butler (2011) quando defende que o gênero não deve ser inscrito no corpo, nem determinado pela natureza, pela linguagem ou pelo simbólico.

Já as plantas de nomes científicos *Sansevieria zeylanica* (verde e rajada)

Sansevieria trifasciata (bordas amareladas da raiz nas pontas) e *Sansevieria cylindrica* (pontuda e formato cilíndrico), mais populamente conhecidas (na mesma ordem acima), como *Espada de são Jorge*, *Espada de santa Barbará* e *Lança de são Jorge*, como representações de curas e milagres. Nos lares brasileiros, essas mesmas plantas são bem comuns, da qual são vistas e associadas ao poder de cortar energias negativas, sendo elas: inveja, olho-gordo e mau-olhado. Não podemos esquecer que, o corpo nu apresentado na obra, dependendo das mais diferentes interpretações, pode ter significados iguais ou divergentes como, por exemplo, para alguns o corpo negro nu pode ser uma representação de algo físico e bonito e, para outros, pode ser compreendido como apenas um objeto de desejo sexual podendo ser usado e ignorado, havendo assim a hipersexualização do corpo negro. Na próxima obra nos aprofundaremos melhor nessa leitura.

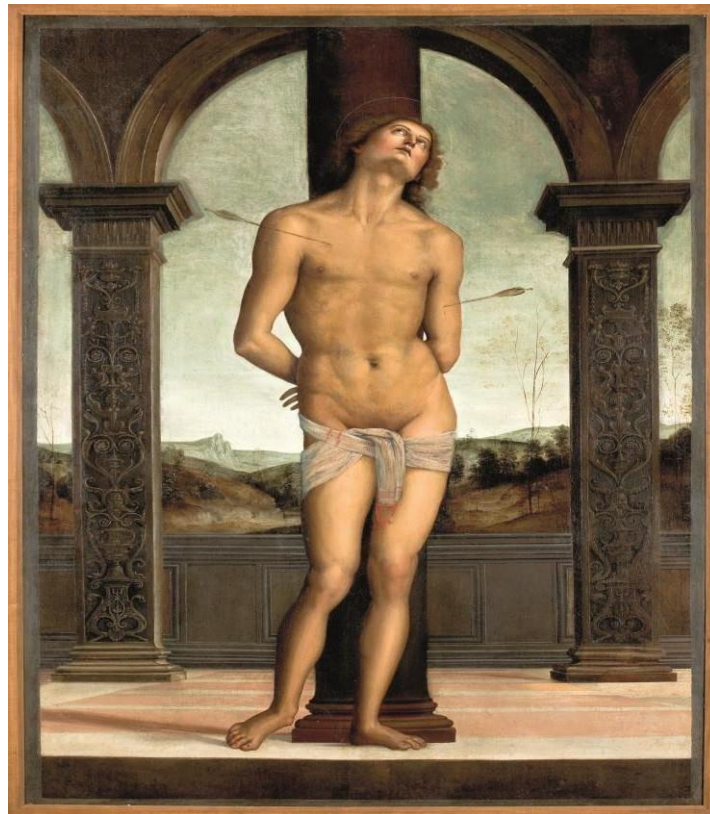
Trazendo para o aspecto histórico, tanto as plantas quanto o corpo negro e nu são símbolos de força e resistência, seja pelo aspecto da religiosidade quanto ao aspecto do racismo, que conforme Almeida (2018), o *racismo estrutural* significa imposição de regras e padrões racistas por parte das instituições e que, de alguma maneira, está vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Podemos ressaltar que as plantas citadas acima são de origens africanas e que suportam o excesso de calor de até 20 dias sem água, mostrando assim sua ligação, força e resiliência aos povos de origem africana que foram escravizados por mais de 300 anos no Brasil, sendo o racismo o resultado terrível do desastroso processo de mais de três séculos de um sistema opressor-colonial-escravagista. (ALMEIDA, 2018).

Para tentar compreender melhor a questão vamos simplificar assim: se no protestantismo a fé vai ser dirigida a um único Deus como salvador, no catolicismo teremos várias divindades, sendo elas: Deus, seu filho Jesus Cristo e provavelmente mais de 1.000 santos reconhecidos pela igreja católica – consideramos esse número, pois existem santos venerados internacionalmente, nacionalmente e localmente, e ainda os que estão no processo de canonização pelo papa em exercício. O professor Fernando Altermayer Júnior, em uma entrevista ao Folha de São Paulo em 2019, alega que a CNBB (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil) não possui ainda informações detalhadas sobre a quantidade de santos. Contudo, após os anos 2000, os números tiveram um aumento na canonização, sobretudo no Brasil. Na época, de acordo com Altermayer (2019), tínhamos 130 casos sendo analisados no vaticano.

No que se refere a religião de matriz africana, o Candomblé, as divindades reconhecidas pelos seus adeptos são os orixás, sendo eles: Exú, Ogun, Yemanjá. Na Umbanda temos, Oxalá, Xangô, Nanã e dentre outras divindades que reaparecem nas divisões de religiões de matrizes africanas.

Friedrich Nietzsche que em sua obra *O Anticristo* (1985, p.17), o autor traz que as pessoas tendem a buscar uma âncora de salvação através de alguma entidade metafísica, “seja o deus de gente pobre, deus de pecadores, deus de doentes, deus de salvador ou redentor”. Neste sentido, a busca de uma explicação para o sentido da existência e talvez a necessidade de reparação das dores e injustiças no mundo estão depositadas nas experiências religiosas, transcendentais. Na adequação a vários tipos de religiosidades, deuses e suas atribuições a determinados indivíduos, culturas em diferentes épocas e situações.

Figura 5– *São Sebastião na Coluna*, de Pietro Perugino (1500)



Fonte: <https://masp.org.br/acervo/obra/sao-sebastiao-na-coluna> acesso em 20 de Junho.23

Chegamos a obra *São Sebastião na coluna*, de Pietro Perugino (1500), sendo esta a última análise – das quatro obras – que propomos realizar análises neste trabalho. A obra (Figura V) de Pietro Perugino é uma releitura da obra *São Sebastião* de 1480 criada pela artista Andrea Mantegna que está disponível no museu do Louvre na França.

No que se refere a pintura do santo São Sebastião, no artigo *Tensionamentos entre religião, erotismo e arte: o Martírio de São Sebastião*, de Alexandre Santos (2016), o mesmo aponta que São Sebastião foi um homem que viveu no século III, sendo admirado pelos imperadores de Roma, Diocleciano e Maximiano, que lhe deram o comando da primeira corte, significando que ele fazia parte da Legião de Infantaria, o que lhe

denotava grande prestígio e destaque. Contudo, São Sebastião teria usado o uniforme militar com a “única intenção de fortalecer o coração dos cristãos”, o qual se debilitava com as perseguições (VARAZZE, 2003, p. 177). Relatos informam que, como soldado de prestígio, São Sebastião se envolvia em defesa dos cristãos, da qual operacionalizava milagres relacionados à cura de doenças, “inclusive de pagãos, o quais em gratidão se convertiam ao cristianismo”. (SANTOS, 2016, p. 09-10).

Neste sentido, São Sebastião fez milagres desde pessoas comuns há pessoas influentes, ocorre que vivendo numa realidade onde a grande maioria dos romanos eram pagãos, os imperadores romanos, ao descobrirem a crença que São Sebastian defendia, o acusaram de crime de traição. Ele foi condenado a morte, onde um grupo de arqueiros o amarraram numa árvore e o lançaram diversas flechas. De acordo com Santos (2003), possivelmente pela sua grande fé, São Sebastião não pereceu. Se colocando, mais tarde, a frente dos imperadores para proclamar o poder de sua fé.

Agora vamos compreender a ligação entre o quadro de São Sebastião e a igreja católica: podemos iniciar a partir de sua representação no século XIV, onde a obra revela o santo seminu, algo que se direciona a traços voluptuosos, em especial seus traçados delicados e afeminados. Até aquele momento, tudo isso tinha sido ignorado pela igreja católica, sobretudo pelo fato da pintura original ter sido criada no período da Renascença (1350 à 1600). No período supracitado, as obras de artes tinham a tendência de performar corpos nus e delicados. O fato de São Sebastião não ter morrido diante das varias flechadas direcionadas à ele, também foi um fator que não pôde ser ignorado pela igreja católica, que o via como um verdadeiro santo (dada a sua historicidade). Contudo, após o movimento da contrarreforma da igreja católica, a instituição substituiu São Sebastião por São Roque, sendo este segundo um santo considerado decente e sábio. (SANTOS, 2016).

Aqui destaca-se a questão da erotização que interliga as duas últimas imagens – Gaye com folhas GU, de Ayrson Heráclito (2015) e São Sebastião na coluna, de Pietro Perugino (1500) – na primeira obra (figura 4) podemos verificar as folhas cobrindo a genitália masculina do homem de pele negra. Estas folhas cobrem o órgão genital, embora apresente formatos cilíndricos e pontudos que são comuns nessas espécies de plantas, sendo elas *Espada de São Jorge*, *Espada de Santa Bárbara* e *Lança de São Jorge*, que são de origens africana. Na segunda (figura 5), os detalhes do tecido que igualmente cobrem aparte íntima do santo, se assemelha ao membro sexual masculino, sendo através da cor, tamanho e formato. Além dos aspectos que se referem a nudez de ambos, denotando traços de voluptuosidade, mas também de delicadeza e divindade.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração, é o fato de que ambos, estando

seminus e de forma andrógina, revelam traços e comportamentos imprecisos, entre o masculino e o feminino. Na obra *Gaye com folhas GU* (figura 4), o próprio pai de Santo Léo das pedreiras (2021) ressalta que Ossain – divindade representada na obra – pode ser retratada como um ser masculino ou feminino, dependendo da religião que o cultua. Em São Sebastião na coluna (figura 5), há a presença da masculinidade (representação do membro fálico através dos detalhes do tecido), mas também da nudez, juventude e delicadeza nos diferentes traços do santo. E esses detalhes, a partir de nossa análise, revelam aspectos da religiosidade, tanto a de matriz africana como a cristã, e as performatividades de gênero presentes nas obras por meio dos traços, sexualidade e erotização.

5 REPERCUSSÃO NA MÍDIA

TEXTO 1

The image shows a screenshot of a news article from the website 'FOLHA DE S. PAULO'. The article title is 'Masp bate recordes com 'Histórias da Sexualidade''. Below the title, it says 'Museu teve maior público de janeiro em sua história com exposição polêmica'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and others. The author's name 'Laura Mattos' is visible at the bottom left of the article content. A yellow button labeled 'ASSINE A FOLHA' is present in the top right of the article area. The page also features a navigation menu at the top with 'MENU' and 'ASSINE', and a search bar with 'ENTRAR' and 'BUSCAR'. A dark blue banner at the top of the article area contains the text 'Oferta Especial: R\$ 1,90 no 1º mês' and the 'ASSINE A FOLHA' button.

Fonte: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/masp-bate-recordes-com-historias-da-sexualidade> > Acesso em: 14 de maio de 2023.

Com o recorte do texto acima, é possível visualizar, mesmo que inicialmente, como a mídia retratou a exposição “*Histórias da sexualidade*”, que foi destaque não só pelo conteúdo da amostra, mas pelos diversos ataques de grupos sociais da esfera política e/ou religiosa. Jornais com alcance midiático em nível nacional e internacional como o grupo *Folha de São Paulo* dava espaço para “Masp bate recordes com *Histórias da sexualidade*” (texto 1). Já *O GI* apresentava: “Exposição sobre sexualidade no Masp veta a entrada de menores de 18 anos”, (texto 2).

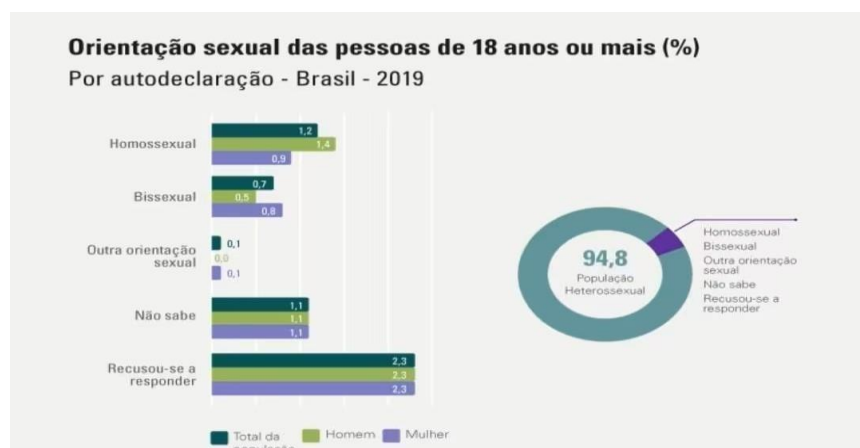
TEXTO 2



Fonte: < <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/com-exposicao-sobre-sexualidade-masp-veta-pela-primeira-vez-entrada-de-menores-de-18-anos>. >. Acesso em: 14 de maio de 2023.

O que significa que em meio a toda polêmica e boicote, igualmente houve muita curiosidade pelo público, tendo em vista que o assunto sexualidade ainda é um tabu a ser debatido. Todavia, se trouxermos um outro ângulo de luz para esse assunto, o último senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) nos informa sobre a porcentagem que se concerne a sexualidade da população, apontando que, numa pesquisa realizada em 2019, a mesma traz dados que 94,8% da população se declara como heterossexual, 1,2% homossexual e 0,7% Bissexual. Abaixo podemos verificar o gráfico com informações adicionais:

TEXTO 3



Fonte: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019> > Acesso em: 15 de Junho de 2023.

A exposição *Histórias da Sexualidade* debateu assuntos que envolvem arte, sexualidade, gênero, movimento LGBTQIAP+, feminismo, movimento sociais, sendo os temas uma conexão para pensar outras histórias da arte e a presença de diferentes manifestações de arte nos espaços museológicos. As tentativas de boicote e silenciamento por grupos sociais da esfera política conservadora, grupos estes que defendem ideologias moralistas que estão envoltas por modelos de religiosidade que sócio-historicamente cerceou a liberdade dos corpos que fogem das convenções socialmente estabelecidas (heteronormatividade).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo conduziu como ponto central de reflexão os conceitos performatividade de gênero e religiosidade, conceitos e ao mesmo tempo núcleos de experiência estética referenciada na exposição *Histórias da Sexualidade*, do MASP. Buscamos aqui refletir como a arte pode ser impactada negativamente e ideologicamente por grupos políticos e religiosos que, em sua maioria, desconhecem a experiência artística ou a história da arte, suas obras e a pesquisa dos artistas. Temos o exemplo do fechamento do *Queemuseu* e a tentativa de alguns grupos, politicamente amparados pela extrema direita, de fechar a exposição *Histórias da sexualidade*. As duas exposições representam um avanço na descolonização dos modelos canônicos e na tentativa de inclusão de outras histórias da arte. Aqui tentamos realizar um percurso histórico para resgatar não somente as exposições *Queermuseu* e *Histórias da sexualidade*, mas também dar visibilidade as obras e aos artistas que fizeram parte desse acontecimento marcante na história da arte brasileira. De toda maneira, é fundamental o aprendizado de que a arte é uma componente que sinaliza os estados críticos de uma sociedade.

REFERENCIAS:

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Ed. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. < <https://www.preparaenem.com/historia-do-brasil/trabalho-escravo-africano-nos-engenhos-> > Acessado em 04 de maio de 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: DifusãoEuropéia do Livro, 1960a.

BOTTON, Viviane Bagiotto. Muxes: gênero e subjetivação, entre a tradição e as novidades. Revista Ecológica, São Paulo, n. 17, jan-abr. 2019, p. 19-32

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990 288p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero**. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

COLLING, Leandro; SANT'ANA, Tiago dos Santos de. **O que acontece quando o queer entra nos museus brasileiros?**. Vazantes, volume 03, n. 02, 2019.

COLLING, Leandro. **A vontade de expor: arte, gênero e sexualidade**. Editora EDUFBA, 2021.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins. Fontes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de Saber**. Edição Graal, 1977, Rio de Janeiro.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2020.

PISTICELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque SANTOS, Alexandre. **Tensionamentos entre religião, erotismo e arte: o Martírio de São Sebastião**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, v. 21, n.35, 2016.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Aurea: vida de santos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

MASP. Histórias da sexualidade, 2018. Disponível em: < <https://masp.org.br/exposicoes/historias-da-sexualidade> > acessado em: 15 de maio de 2023.

DEL PEZZO Léo, Umbanda Reino da Paz, órixa ossain da umbanda, Youtube, 02/03/21
<https://www.youtube.com/watch?v=hSBe7JwYFzk>

Tempo de umbanda divina luz, São Paulo, 03/2010
<https://umbandasuporte.blogspot.com/2011/10/nosso-dirigente.html>

BARROS, Alerrandream. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declaram homossexuais ou bissexuais. IBGE, 2019. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019> >. Acesso em: 01 de junho de 2023.

MATOS, Laura. **Masp bate record com “Histórias da Sexualidade”**. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/masp-bate-recordes-com-historias-da-sexualidade.shtml> > . Acesso em: 18 de junho de 2023.